



# CARNAVAL

1929

CAMPINAS, 11.

As festas carnavalescas dos nossos dias (dizem os velhos campineiros) estão longe de despertar a atenção publica como as que se realisavam nesta cidade ha uns bons cincoenta annos. Campinas era, então, uma pequenina cidade e talvez por isso mesmo, o alacre movimento carnavalesco promovido pela mocidade, interessava de véras a população.

As ruas centrais se engalanavam, quasi todas, principalmente aquellas pelas quaes passaria o rumoroso prestito. As janellas, embandeiradas e adornadas de moças e senhoras, apresentavam um quadro encantador e cheio de vida e de attractivos.

Nas tardes dos tres dias, mascarados em grande numero, trazendo ricas fantasias de seda e de velludo de cores vivas, montando garbosos cavallos ajaezados de fitas multicores; outros em carros abertos caprichosamente adornados de colchas de seda e de festões de flores; outros em carros allegoricos, trocando assumptos mais ou menos politicos e pihlericos; por fim os pedestres que não dispunham senão de entusiasmo de moços, sem cavallos nem carros, formavam o grande prestito. Enthusiasmo geral.

Nenhum rapaz que se prezasse, deixava de sahir fantasiado nessas tardes.

Cada um contribuía com cinco mil réis, mas tinha direito a tomar parte no congresso da rua e nos ruidosos "bailes masqués" no antigo theatro S. Carlos, scenario então de inolvidaveis rapaziadas.

O intenso prestito percorria muitas ruas, figurando nessa onda de enthusiasmo algumas bandas de musica (a do maestro Azarias á frente) que imprimiam nos folgedos muito realce e alegria. Os musicos, fantasiados tambem, iam uma de carros ou carroções vistosamente enfeitados de folhagem e bandeiras, outros a cavallo. Os ultimos viam-se ás vezes em sérios apuros, não só para soprar os seus instrumentos, como para conter ao mesmo tempo os animaes, que ficavam, naturalmente, assustados pela estranha percussão nos ouvidos, principalmente quando o cavalleiro era portador do bumbo ou dos pratos.

Azoiados pela gritaria infrene, por uma guizalhada vibrante, alguns dos animaes faziam reviravoltas, embinavam, saracoteavam, pondo em imminente risco a integridade physica dos pobres artistas.

Além das alludidas bandas, da cidade, vinham tomar parte nas festas as de algumas fazendas, compostas de pretos, escravos, taes como a dos commendadores Teixeira Villela, Manoel Carlos Aranha e Joaquim Polycarpo Aranha, os dois ultimos, mais tarde, barões de Anhumas e de Itapura.

Como se vê, quanto á musica, as festas do carnaval, em Campinas, nada deixavam a desejar.

Os mascarados trocavam flores, reciprocamente, com as moças que, alegremente adornavam as janellas, correspondendo ás amabilidades de que eram objecto. Entre as associações recreativas que appareciam uniformisadas, sobressahia e anti-

go Club Semanal, cujos socios em numero de cem, aproximadamente, trajavam longos mantos brancos, a beduinos, montados em cavallos brancos tambem. Os socios do Club, por esse tempo, eram quasi todos moços do commercio ou lavradores. A sua directoria estava assim constituída: presidente, Bento Quirino dos Santos; vice-presidente, Raphael de Abreu Sampalo; thesoureiro, Francisco de Paula Simões Santos; secretario, Eloy Cerqueira; procurador, Urbano Azevedo; conselheiros, Joaquim Pinto Oliveira Nunes, Francisco Ferreira de Mesquita, Elias do Amaral Souza, Carlos A. Bressane, José Paulino Nogueira, Alfredo Pinheiro, Luiz de França Camargo, Francisco A. Roza, José H. de Pontes, Antonio B. Cerqueira Leite, João Alves Cruz, Antonio F. Carvalho e Silva.

O vistoso congresso fazia pontos de descanso na praça de Rosario e na Matriz Velha (hoje Bento Quirino) collocando-se em filas, enquanto as musicas, alternadamente, executavam scintillantes quadrilhas de Henrique de Mesquita, o notavel autor do "Alli Babá", do popular compositor José Pinto Tavares, de S. Paulo, e de outros.

Certa vez foram tiradas umas chapas photographicas, na praça da Matriz Velha pelo popular artista Henrique Roseu, que, por signal, proclamada a Republica, foi nosso consul em Stockholm. Era desconhecido o processo de "instantaneo" e, consequentemente, é facil imaginar o resultado produzido pelo esforço do artista.

A cadeia velha (Paço Municipal), os sobrados e casebres e os muros fizeram figura, no quadro, salvando-se da balburdia.

Circumstancia curiosa: — O elemento feminino não era admittido nos prestitos carnavalescos. Mulher a fantasia, ou sem ella, no meio dos mascarados, em plena rua, não era coisa que se permitisse num centro sério. Certa occasião o director procedia á verificação para conhecer a identidade dos mascarados, pelos cartões que estes lhe apresentavam e descobriu na multidão das fantasias a cavallo, uma corajosa "madama", que assim afrontára a rigorosa prohibição regulamentar.

Reconhecida, a intrusa folgazã, teve ella que sahir meio apressada, a galope, por entre surriadas hilariantes. Coisas do tempo. Na tarde de terça-feira, depois do passeio costumelro, da troca de flores, dava-se novo desfile — o da lembrada. Os mascarados, todos, a dois de fundo, ao som de uma musica plangente, seguiam pelas ruas, em choro, num berreiro que trazia a sua "immensa tristeza" pela terminação da pagodeira, prolongando-se isto até ao cahir da noite. Illuminavam-se, então, as frentes de muitas casas a velas, em grandes globos ou lanternas de vidro. Eram as luminarias publicas.

Depois, os bailes no S. Carlos, no Salão Enax e no Rink, fechavam o cyclo desses delirantes diversões, hoje apenas recordadas saudosamente.

Muito longe poderia ir esta narrativa, pois materia para isso ha e de sobra. O que affica, porém, já é sufficiente para que se possa fazer uma idéa, embora apagada, do que foram aqui os encantadores festejos carnavalescos, em priscaas éras que bem longe vão.